

## Caio cair até inventar onda

*Caio collapsing and inventing oceans*

### CAIO RISCADO

Pós-doutorando no programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ, doutor e mestre pelo programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO, professor, artista pesquisador, diretor teatral e performer.

### RESUMO

*Caio: cair até inventar onda* é uma palestra-performance interessada em propor conversas sobre a queda e o fracasso. Um arquivo corrompido sobre a história de um nome. Uma paisagem vestida com o uniforme da falha. Através do dispositivo da palestra-performance como modo de apresentação, demonstração e pesquisa em arte, o texto investiga a noção de autobiografia, propondo a inespecificidade, ou seja, o não pertencimento a uma categoria específica da arte, como norte para a formalização de novos relatos.

**Palavras-chave:** epalestra-performance; autobiografia; queda

### ABSTRACT

*Caio: collapsing and inventing oceans* is a lecture-performance invested in starting conversations about falling and failure. A corrupted archive about the history of a name. A landscape dressed as failure. Presented as a lecture-performance, the text makes use of autobiography as a mode of research and is aligned with the concept of unspecificity (that is: not belonging to a specific category of art) as a way to formalize new stories.

**Keywords:** *lecture-performance; autobiography; fall*

Eles são muitos. Eu não os represento. Eu sou uma ponta, um fragmento.

Antes de um convite, é bom que saibam: esse nome me obriga a desperdiçar o tempo. Nasci para ser caída. E do chão só me levanto por amor ou fome.

Não escolhi esse nome, não participei da festinha em que essa decisão foi tomada. Antes que eu pudesse abrir a boca e receber os primeiros tapas da existência, a marcação foi feita. E, conseqüentemente, sua profecia. Sei da minha primeira queda. Caí antes de vir ao mundo. Antes, ainda, de poder reclamar desta vinda, deste buraco que me tornaram, metendo não só a cabeça, a cabecinha, mas tudo até o talo. Fui gestado na vertigem da movimentação imposta, do trânsito que não finda, entre o que está em cima e embaixo, se arrastando pelas bordas do que não cessa de nascer e morrer. O susto frequente de dar com a cara no chão.

Dizer meu nome é como dar um tiro que sai pela culatra. Pois, ao mesmo tempo em que me chamam, vocês produzem, descrevem e reconhecem suas próprias quedas. Se dizem: - Caio, veja isso!, a ação é mais rápida que minha reação. A sentença se subdivide em duas atividades e quando me organizo para olhar, obediente que sou, vocês já podem estar em outro nível, ou seja, tombadas. Essa dinâmica seria insustentável se vocês não pudessem me chamar por outros nomes. Se me chamam de outra coisa, por exemplo, girafa, seguimos em harmonia no que diz respeito ao lado de vocês nesta história. Eu, porém, continuo em descompasso. Posso aceitar apelidos e, até, quem sabe, mudar de nome. Só não posso ignorar o fato de que passei 32 anos submetido a esse chamado que é, por ele mesmo, como se isso fosse possível, um ato de fala.

Uma sentença performativa produz efeitos no real. O chamamento, então, não descreve a realidade porque não se reduz a enunciação de um fato. O nome, para além de constatativo, opera na transformação do real. A linguagem se converte em ação e, impondo o movimento, produz sua paisagem na mesma medida em que inventa sua pretensa descrição. É através da repetição ritualística que o teatro da linguagem produz corpo, nomeia aquilo que inventa, ou inventa o que nomeia, criando um ciclo de imposições e representações. Eu me chamo Caio (agora vocês já sabem) e os machucados aumentam, consideravelmente, toda vez em que alguém muito engraçado me pergunta se o Caio caiu.

Não há como escapar. A rivalidade dos nomes consiste em ser nomeado e nomear.

A empresa brasileira Caio Induscar, líder na fabricação de carrocerias urbanas, ônibus,

atua em todo o território nacional e em mais de 50 países. Com 74 anos de atividades, o site da empresa diz que “o sonho se realiza a cada dia” e que “com ousadia, a missão tem sido cumprida e os desafios vencidos”. O meu nome circula por diferentes territórios, sendo responsável pelo deslocamento de pessoas entre lugares. Apesar do lema da empresa ser “com você aonde for”, sinto-me, repetidamente, sozinho quando me deparo com a inscrição de seu/meu nome na parte de trás dos bancos. Em trânsito pelas cidades, a Caio Induscar nos lembra que a queda não é só uma possibilidade, mas um elemento estruturante do próprio ato de se colocar em movimento. Geralmente, um ônibus tem cerca de 50 assentos.

Movimentos que não me dão descanso: cair fora; cair de maduro; cair de boca no seu pau.

Com 15 anos, num passeio pela biblioteca da escola, me deparei com um livro chamado: Morangos Mofados. Para a minha surpresa, seu autor também se chamava Caio. A proposição de mofar acompanhado de alguém salvou meus dias. Apodrecida, encontrei apoio para suportar a conduta escolar cristianíssima, mas pouco amorosa. Foi por essa época que inventei minha melhor mentira: justificar meu nome pela existência de Caio Fernando Abreu - fantasmagoria que, de tão presente, fantasiei em corredores, aulas de educação física, banheiros, assembleias estudantis e, mais tarde, em camas de motel. Não tive festa e, muito menos, dancei valsa. Debutei em sonho, no Menino Deus, ao lado de minha amiga e amante Jacira - esse cavalo jovem que me mostrou a luz brilhante do chão compartilhado.



FOTO 1: Google Imagens. Autoria desconhecida.

Louvor: Eu caio, do missionário André Alves: “eu sei que tu me amas mesmo errante e pecador / a frustração da queda me corrói o coração / e ainda sim derramas o teu vinho sobre mim / eu sou um odre novo bem longe da perfeição / eu caio / às vezes caio / eu sempre caio / perdão eu caio / perdão”.

Odre é um antigo recipiente feito de pele animal usado para o transporte de líquidos como água, azeite, leite ou vinho. Um odre novo, pouco trabalhado pelo/no tempo, ainda não teve a elasticidade e a resistência de sua pele testadas. Portanto, pode interferir de maneira significativa na conservação das qualidades do líquido que transporta. Os odres velhos costumam ser mais valorizados. Dizem que a pele velha conserva certa sabedoria. O que é, minimamente, curioso se pensarmos no terrorismo estético contra o envelhecimento. Cair é uma forma de dar conhecimento ao corpo. Apesar de novas, nós estamos cheias de líquidos e podemos, a qualquer momento, transbordar. Pecado não é chorar sobre o leite derramado. Pecado é não derramar.

A queda é uma escola permanente. Não há como impedir o seu curso.

O livro que estou lendo sinaliza um fato interessante: os perdedores não deixam registros enquanto os vitoriosos não param de nos encher com suas narrativas de sucesso. A disposição para a queda é uma forma de perda. Essas considerações sobre a história de um nome são também um arquivo de falhas. Um documento interessado na movência daqueles e daquelas que não chegaram em primeiro lugar. Se há somente uma pessoa no mais alto espaço do pódio, certamente, concordamos que abaixo dela se encontra uma multidão. Não se trata aqui de contar essa história, mas de marcar uma inversão de leitura como proposta: os vencedores, na verdade, são aqueles e aquelas que perdem em coletivo e por baixo. O solitário, de cima, nada ganha, pois nessa proposição já não acreditamos na falaciosa política da representatividade. O medalhista sozinho não representa ninguém. Já a multidão, é ninguém e, ao mesmo tempo, todo mundo.

Um alerta: é provável que haja, nesta conferência, um outro Caio entre nós. Portanto, se a conexão falar, digo, falhar, a culpa é nossa. A culpa é mesmo nossa.

Ao calar da tarde, me Caio.

Christina me disse que estrelas caídas também brilham. Não por acaso, o seu nome começa com a letra c. Na chamada por ordem alfabética, Christina, com ou sem h, viria depois de mim. Me conforto com a ideia de cair antes dela. Já estar no chão para receber Christina, amortecer

seu impacto. O que seria muito parecido com dizer: amor-por-te-ver-em-queda.

Cair é um exercício de desistência. É preciso desistir de ficar de pé. Eu e Natasha já desistimos. No meio da rua. Pedro perdeu suas chaves. No meio da rua. Por certo, elas caíram. Eu, Natasha e as chaves. De Pedro. O que seria muito parecido com dizer: não vamos mostrar as nossas cicatrizes. Preferimos que vocês imaginem.

A queda é uma forma de imaginação. Cair aciona o impossível e, ao mesmo tempo, o comum. O comum como uma grupalidade composta por diferentes. A queda também pode ser vista como método de invenção, estratégia de criação para modelos alternativos. Não se trata de fantasiar outro lugar, mas recusar o imposto. A recusa não é mera denúncia, oposição. Recusar o imposto já é habitar sua ruína: cair por dentro. Cair é uma forma de ação: escavar passagens para anunciar caminhos de dentro da escuridão.

O chão confirma o corpo.

Com Maria Isabel, a queda como postura: olhe para os nossos sapatos e verá, nós estamos decididamente inclinadas a cair. Com Francisco, a queda como encontro e assombro: achar um pedaço dele no chão, do outro lado do cômodo, e convidá-lo para dançar. Com Lucas, a queda como mudança móvel: trabalho que não se desculpa pelo transtorno e nem precisa de caminhão. Com Felipe, a queda como em Caetano: uma espécie de conquista. Com Lepecki, a queda como proposição (des)coreográfica: uma presença despencada. Com Bárbara, a queda como movimento de formação: fazeção. Com Estela, a queda como um estouro: rojão que ilumina esse jeito caipira de se desmanchar pelo piso. Com Mila, a queda como proclamação da vulgaridade: cruel, direta, ordinária e sem rodeios. Nossas roupas íntimas estão cheias de furos e não iremos remendá-las. O cotidiano esburacado nos cai bem. Com Renato, a queda como a primavera: cair é o destino da flor. E a flor, com Orides, na queda lúcida, no fresco silêncio: a flor não fala.

Dependendo do clima, algumas superfícies não são indicadas para quedas inaugurais. Recomendo checar o caimento das estações antes do escorregão. Cair no molhado pode soar sedutor. Mas cuidado: cada queda produz sua própria tempestade. Não é necessário sobrepor catástrofes. Assim como viver, cair é um exercício precário que requer atenção. E a precariedade é inerente à vida.

A queda confirma o chão.

Alunas, alunos e alunes salvam os documentos de seus trabalhos finais com o meu nome. TrabalhoCaio. Trabalho\_CAIO. Caio\_trabalho. Final\_trabalho\_Caio. CaioRiscadoTrabalhoFinal. CaioPronto. TRABALHOCAIO. Passeio por essa floresta de diferentes combinações nominais até me deparar com o seguinte documento: TrabalheCaio. Não sei se por erro de digitação ou pelo desejo de chacoalhar a linguagem, ativando a ideia de uma atividade não binária, o pequeno arquivo fez efeito em mim. O menino trabalho escapa da norma, mas não rompe a relação da prestação de serviços. Entre o desvio e a possível sentença impositiva, sigo trabalhando e assustado pela possibilidade de estar acabado, de me identificar com o CaioPronto.

O irmão de uma aluna também se chama Caio. Me disse que isso faz com que ela se sinta mais próxima. A constante ameaça da queda pode destruir uma família inteira. Mas é a eminência do fracasso o que nos aproxima.

Movimentos que não me dão descanso: sonhar que estou caindo; cair em desgraça; cair no esquecimento.

No duro: te digo que dei pra cair dormindo. Agora, descanso no chão. Não tenho mais medo das pedras que os sonhos me atiram.

Mesmo quando não Caio, o chão pensa em mim.

Felizes são os bichos que vivem com quatro ou mais apoios. Eu quero ter o meu corpo todo abraçado pelo chão. Eu quero ser um bicho-bicha. O Brasil é o bicho, cara! O jardineiro é Jesus e "as árvores somos nozes". Quer dizer, não mais. Já que é pra tombar, tombei – disse o ministro, passando a boiada em cima da nossa cara, da nossa casa, da nossa pátria.

Na fila dos correios, me disse: - *A desorganização desse país, meu filho, é de cair o cu da bunda.*

Levanta a cabeça, princesa, se não a coroa cai.

Diretamente do país das pessoas caídas, ou seja, a pátria de todo mundo, declaro a queda como uma forma de apaixonamento por tudo que deu errado, justamente, por não precisar dar certo. Declaro, ainda, a queda como uma posição em defesa da horizontalidade – um mar de colchões.

Cai o Rei de Espadas. Cai o Rei de Ouros. Cai o Rei de Paus. Cai não fica nada.



FOTO 2: Caio Induscar. Divulgação.

O meu terceiro nome é Riscado. Junto do primeiro, ele forma o binômio: Caio Riscado. Percebam que não fui riscado, como, por exemplo, de uma lista e, depois, caí. A verdade dos fatos é: já caído, fui também riscado. Em outras palavras: existe um depois do chão que pode ser ainda mais perverso.

Não sou primo da Aline Riscado. Nós não nos conhecemos.

Se procuro por meu nome na ferramenta de busca do Instagram, o aplicativo sugere, nesta ordem, os seguintes usuários: Caio e Flávia; Caio Costa; Caio Prado; Caio Braz; Caio Monczack; Caio Casagrande; Caio Calafate; Caio Horowicz; Caio pra dentro; Caio Mascarello; Caio Castro; Caio Esgario; Caio Vinícius; Caio Fernando Favero Batista; Caio Blanco; Caio Revela; Caio Voto; Caio; Caio Blat; Caio Balaio; Studio\_caio\_reisewutz; Caio Alvi; Caio Cesar Loures; Caio Vargas; Caio Bigodi; Caio Roepke; Caio Scot; Caixa Preta; Caio Junger; Caio Mahnic; Caio Guimarães; Caio Barbosa; Caio Netto; Caio Barbosa (de novo); Caio Vita; Caio Guerra; Caio Rosa; Caio Antero Pinheiro; Caio Mascarello; Caiovieira\_; Caio Loki; Caio Zaccariotto Ferreira; Caio Cabral; Caio Oviedo; Caio Paiva; Caio Passos; Caio Marcolini; C.S; Caio Gullane; Caio Baú; Caio T; Caio Aza; Caio (de novo); Caio Lírio Ateliê Fotográfico; Caio Pacela; Caio Baez e Caio Humb. De todas as sugestões, existem dois Caios que não fazem o uso de seus sobrenomes. Talvez, já estejam certos da queda. Cinco perfis citados possuem o ícone azul fornecido pelo aplicativo para marcar pessoas famosas. Logo, são quedas públicas. Deixando de lado o Studio, o Ateliê, a Caixa Preta e o Caio pra dentro, brinco sozinho de combinar sobrenomes e fantasiar a união de nossas

armadilhas. Destaco as combinações: Revela Riscado; Voto Riscado; Balaio Riscado; Bigodi Riscado (especial afeição por este); Rosa Riscado; Baú Riscado e Aza Riscado. Sempre sonhei em ter uma filha chamada Alegria. Alegria Baú Riscado me parece um ótimo nome para uma acumuladora de fracassos.

Funcionários de telemarketing, frequentemente, me chamam de Caio Ricardo. Quando oportuno, me divirto ao encarnar o papel da personagem melodramática. - *Eu estou farto de suas ligações, Jorge Heleno!*, diz Caio Ricardo, tomado por uma febre sem igual. No telefone, a distância entre os corações falantes é preenchida por ruídos, dificultando a comunicação. A rádio-novela termina quando sou obrigado a soletrar o meu sobrenome. - *Jorge Heleno, é Riscado: r, i, s, c, a, d, o, Riscado. Isso, que nem quando você desiste de uma coisa porque descobriu algo melhor. Aí, risca, né? Riscado.*

Um palpite a qualquer hora: quando cairemos em desuso?

Movimentos que não me dão descanso: cair na gargalhada; cair em desespero; ficar de queixo caído.

O chão é uma possibilidade: na queda, todo mundo é elegante.

Caio significa "alegre", "feliz", "contente".

Não tenho o menor problema com Caios. Até tenho amigos que são.

Caio significa "alegre", "feliz", "contente". Proponho: sentar em um banco de praça e repetir as palavras "alegre", "feliz" e "contente" até chorar.

Não enxugar as lágrimas.

Lágrimas: o corpo querendo o mar.

Suor: o corpo querendo o mar.

Beijo: o corpo querendo se afogar em outro corpo.

Mar: o corpo querendo.

Não enxugar as lágrimas.

Fazer água. Fazer azul. Fazer agir outros horizontes.

Fazer agir outros horizontes.

## NOTAS

1) A palestra-performance “Caio - cair até inventar onda” faz parte do projeto de pós-doutorado: “Dando bandeira - relatos para comunidades imaginadas”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ.

2) Agradecimentos: Bárbara Cabral, Felipe Ribeiro, Gabriela Lírio, Gunnar Borges, Maria Isabel Iorio, Miro Spinelli e Renato Linhares.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

ABREU, Caio Fernando. *Caio Fernando Abreu: o essencial da década de 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANAVARRO, Lucas. *Mudança Móvel*. Rio de Janeiro: edição do autor, 2020.

FONTELA, Orides. *Poesia Completa*. São Paulo: Hedra, 2015.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

IORIO, Maria Isabel. *Aos outros só atiro o meu corpo*. Bragança Paulista: editora urutau, 2019.

- LEPECKI, André. *Exaurir a dança: performance e a política do movimento*. São Paulo: Annablume, 2017.
- MALLMANN, Francisco. *haverá festa com o que restar*. Bragança Paulista: editora urutau, 2018.
- MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications: queers of color and the performance of politics*. University of Minnesota Press, 1999.
- PELBART, Peter Pál. *Elementos para uma cartografia da grupalidade*. In: SAADI, Fátima; GARCIA, Silvana (orgs). *Próximo Ato: questões da teatralidade contemporânea*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.
- PRECIADO, Beatriz. *Multidões Queer: notas para uma política dos anormais*. In: *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1): 2011.
- RISCADO, Caio. *Festa da raspa: conversas com a poesia bixa de Francisco Mallmann*. In: *Revista Crioula*, São Paulo: *Revista de Pós-Graduação da USP*, n.24, p.38-48, 2019.
- RISCADO, Caio. *Vocação para o chão: inespecificidade e queda na poesia de Maria Isabel Iorio*. In: *Revista Garrafa*, Rio de Janeiro: *Revista de Pós-Graduação da UFRJ*, vol. 18, n.53, p.432-448, 2020.
- ROSA, Estela. *Um rojão atado à memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.
- TEIXEIRA, Mila. *A proclamação da vulgaridade ou quantos furos uma calcinha pode ter?* Bragança Paulista: editora urutau, 2021